

***A UNIDADE NACIONAL BRASILEIRA: O ESTADO, AS “ELITES” E A
QUESTÃO RACIAL EM NELSON WERNECK SODRÉ***

***BRAZILIAN NATIONAL UNITY: THE STATE, THE “ELITES” AND THE
RACIAL ISSUE IN NELSON WERNECK SODRÉ
UNIDAD NACIONAL BRASILEÑA: EL ESTADO, LAS “ELITES” Y A
CUESTIÓN RACIAL EM NELSON WERNECK SODRÉ***

Marco Túlio Martins

Docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Pires do Rio
Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
Área de Concentração: Planejamento e Gestão do Território
marco.martins@ueg.br

Rita de Cássia Martins de Souza

Docente da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) – Uberlândia-MG
Doutora pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)
ritacmsou@gmail.com

Resumo: O artigo intitulado “*A Unidade Nacional Brasileira: O Estado, as “Elites” e a questão racial em Nelson Werneck Sodré*” analisa algumas temáticas que são destaques nas três obras do intelectual militar Nelson Werneck Sodré (Panorama do Segundo Império; Oeste: ensaio sobre a grande propriedade pastoril; Formação da Sociedade Brasileira), sobretudo, colocando em evidência a questão da unidade nacional, algo central na produção werneckiana. Na primeira parte do trabalho foi colocado em destaque, o papel que a “revisão histórica” realizada por vários intelectuais do início do XX apresenta no sentido de reafirmação da unidade nacional brasileira. No segundo momento, há um debate sobre o papel do Estado, das “elites” e a questão racial que foram explorados no sentido de apresentar o projeto de Brasil proposto por Nelson Werneck Sodré, ligado diretamente à questão da integração territorial e formação da identidade nacional.

Palavras-Chave: Território; Brasil; Nelson Werneck Sodré; História do Pensamento Geográfico.

Abstract: The article entitled “The Brazilian National Unity: The State, the “Elites” and the racial issue in Nelson Werneck Sodré” analyses some themes that are highlighted in the three Works by the military intellectual Nelson Werneck Sodré, above all, highlighting the question of national unity, something central to Werneck’s production. In the first part of the work, the role that the “historical review” carried out by several intellectuals of the beginning of the XX plays in the sense of reaffirming Brazilian national unity was highlighted. In the second moment, there is a debate on The role of the State, of the “elites” and the racial issue that were explored in order to present the Brasil project proposed by Nelson Werneck Sodré, directly linked to the issue of territorial integration and formation of national identity.

Keywords: Territory; Brazil; Nelson Werneck Sodré; History of Geographic Thought.

Resumen: El artículo titulado “La unidad nacional brasileña: el Estado, las “elites” y la cuestión racial em Nelson Werneck Sodré” analiza algunos temas que se destacan em las tres obras del intelectual militar Nelson Werneck Sodré (Panorama del Segundo Imperio; Oeste: ensayo sobre la gran propiedad pastoral; Formación de la Sociedad Brasileña), sobre todo, destacando el tema de la unidad nacional, algo central em la producción de Werneck Sodré. Em la primera parte del trabajo se resaltó el papel que juega la “revisión histórica” realizada por varios intelectuales de principios del XX em el sentido de reafirmar la unidad nacional brasileña. Em um segundo momento, se debate sobre El papel del Estado, de las “elites” y la cuestión racial que se exploraron para presentar el proyecto Brasil propuesto por Nelson Werneck Sodré, directamente vinculado al tema de la integración territorial y la formación de la identidad nacional.

Palabras-clave: Territorio; Brasil; Nelson Werneck Sodré; Historia del pensamiento geográfico.

Introdução: A revisão histórica como forma de reafirmação da unidade nacional brasileira: o projeto nacional

Nelson Werneck Sodré produziu uma obra extensa que apresentou como um dos principais eixos de análise a formação histórico-geográfica brasileira. Assim, os conhecimentos históricos e geográficos adquiridos por esse intelectual adveio de uma formação interna nas escolas militares que historicamente nunca deixaram de destacar a importância das disciplinas História e Geografia (esta, tida como possibilidade de um conhecimento detalhado do território), nos seus currículos. Esses conhecimentos históricos e geográficos apareceram na obra werneckiana direcionando as elaborações do autor no que diz respeito ao Brasil.

A primeira fase intelectual do autor, denominada de fase da maturidade (1938-1954), marcada por concepções autoritárias e positivistas, esteve diretamente vinculada a esse eixo de análise principal que o autor desenvolveu, qual seja, a apresentação de uma revisão histórica e geográfica do Brasil.

A segunda fase intelectual do autor, denominada de consolidação do pensamento (1954-1964) e a terceira¹, denominada de síntese (1965-1999)² apresentaram também como eixo de análise a formação histórica e geográfica brasileira, porém, com uma concepção dialética, vinculada ao materialismo histórico e dialético de Marx, marcando assim outra etapa do desenvolvimento intelectual do autor.

A visão de mundo³ de Nelson Werneck Sodré, na primeira fase intelectual, apresentou uma particularidade maior sobre essa revisão histórica e geográfica. Essa proposta do autor foi realizada em algumas de suas obras e estava em acordo direto com

¹ A obra *Introdução à Geografia* (1976) integra essa última fase intelectual de Sodré. Nessa produção ele buscou responder ao que a ciência Geografia, produzida nas décadas iniciais do século XX no Brasil, respondia, ou seja, a que “serviço” ela estava. Com ela, Nelson Werneck Sodré contraria o arcabouço teórico utilizado por ele nas suas produções da década de 1930 e 1940. Não será explorado, detalhadamente, neste trabalho essa produção de Sodré, porém a ressalva é válida para destacar o quanto a ciência Geografia era importante para esse intelectual militar, que viu a necessidade de uma avaliação crítica sobre ela, sobretudo, quando se sabe que ele não teve nela uma formação *stricto sensu*.

² Conforme proposição de Cunha (2002).

³ “Acrescentando o termo social – visão social de mundo –, queremos insistir em dois aspectos: a) trata-se da visão de mundo social, isto é, de um conjunto relativamente coerente de idéias [sic] sobre o homem, a sociedade, a história, e sua relação com a natureza (e não sobre o cosmos ou a natureza enquanto tais); b) esta visão de mundo está ligada a certas posições sociais (Standortgebundenheit) – o termo é de Mannheim –, isto é, aos interesses e à situação de certos grupos e classes sociais.” (LÖWY, 1996, p.16).

aquelas propostas do Estado para com o território e, sobretudo, para com a formação e consolidação de uma identidade nacional brasileira no momento da escrita de sua obra.

A revisão histórica e geográfica realizada por Nelson Werneck Sodré na sua primeira fase intelectual⁴ buscou responder a alguns problemas que diziam respeito à Formação do Brasil: a consolidação da unidade e integração do território bem como ao projeto de identidade nacional.

Para responder e propor questões para o Brasil, o autor, “junto” aos grupos de intelectuais ao qual pertencia, elaborou um discurso interligado diretamente àquelas propostas pelo Estado brasileiro, conseqüentemente ao projeto de Brasil que vem sendo pensado e encaminhado pelas classes dominantes do país.

O discurso do autor referente a esse período (1938-1945) foi apresentado em três principais obras e alguns artigos da sua primeira fase. Nas três obras aqui em análise, *Panorama do Segundo Império (1939)*, *Oeste: ensaio sobre a grande propriedade pastoril (1941)* e *Formação da Sociedade Brasileira (1944)* estão presentes uma “revisão” histórica e geográfica do Brasil desde os momentos do descobrimento⁵ à década de 1930⁶.

Nelson Werneck Sodré, do mesmo modo que os intelectuais do período (1930-1940), utilizou-se do “método” da “revisão histórica”, no sentido de revisitar a História do Brasil descrita até os finais do século XIX e início do XX (re)contando-a com o objetivo de aproximá-la da ideia de necessidade da consolidação da nação e manutenção da integridade do território.

Isso significa dizer que, aqueles intelectuais do final do século XIX e início do século XX, como parte integrante da elite, tomaram a história do passado como suporte para fazer uma história do futuro, projetando o país. Foi assim que os grupos de intelectuais no Brasil, por meio de seus escritos, contribuíram efetivamente para a elaboração de um projeto de nação. Por isso, alguns temas são encontrados quase que majoritariamente nas obras desses intelectuais, por exemplo: o papel do Estado, a importância da unidade territorial e conseqüentemente nacional, as características e

⁴ Somente será discutida a primeira fase intelectual do autor (1938-1954), pois, esta é a fase que está em análise neste trabalho.

⁵ Essa revisão aparece desde a publicação de *Formação da Sociedade Brasileira (1944)*.

⁶ Esse período foi trabalhado pelo autor nas obras *Panorama do Segundo Império (1939)* e *Oeste: Ensaio sobre a grande propriedade pastoril (1941)* dentre outros artigos do autor escritos nesse período

formação das populações presentes nesse recorte espacial como ferramentas chaves para a constituição de um corpo “coeso” chamado nação dentre outras temáticas.

Na obra *Formação da Sociedade Brasileira (1944)*, Nelson Werneck Sodré destacou a importância, naquele momento, de se construir uma análise sobre a sociedade brasileira desde seu passado colonial, podendo assim propor as melhores condições de projetar o país. O autor diz que é imprescindível buscar uma interpretação do passado para fornecer “instrumentos aplicáveis aos caminhos futuros” (SODRÉ, 1944, p.7).

Há no desenvolvimento das sociedades, grandes interesses em jogo, uns prevalecendo sobre outros, chocando-se, rivalizando, e a constatação de que os instrumentos de que se serviu um grupo social para alcançar o melhor lugar no meio em que evoluiu foram estes ou aqueles, sem qualquer ideia moral preconcebida, pertence, sem dúvida, àquele que interpreta tal assunto, sem perturbação evidente de sua justeza de análise.

É preciso, finalmente, lembrar que uma obra de ciência aplicada, de que os conhecimentos teóricos foram meros meios de compreensão e discriminação, dá lugar a uma finalidade. Um estudo da sociedade brasileira, num momento histórico como aquele em que estamos vivendo, não poderia escapar a tal sentido. Dentro do campo vasto e por vezes perturbado das ciências sociais muito se tem discutido a capacidade de prever, e até negado. Parece-me justo que a interpretação do passado serve ao presente, e fornece instrumentos aplicáveis aos caminhos futuros. Não seria interessante, aqui, renovar os argumentos do largo debate. Quem poderia, entretanto, negar a evidência de que possuímos, no Brasil, mercê de causas históricas que nos foram peculiares, consciência de defeitos que vamos buscando abandonar, alguns dos quais estão intimamente implantados na nossa herança cultural? (SODRÉ, 1944, p.6-7).

Nilo Odália (1997) discute o papel que os intelectuais conceituados como historiadores do final do século XIX e início do XX tiveram na consolidação da Nação através de suas elaborações teóricas. O discurso desses intelectuais influenciou decisivamente na criação de um imaginário sobre o Brasil. Nosso autor encaixa-se perfeitamente nesse propósito, pois, teve suas obras da primeira fase como instrumento de veiculação das propostas de seu grupo, quais sejam, da unidade nacional e territorial brasileira.

Cunha (2002) também discute o papel dos intelectuais do início do século XX, mais especificamente das décadas de 30 e 40, que apresentaram um discurso sobre a “Questão Nacional”⁷. Nelson Werneck Sodré foi uma das expressões de um discurso elaborado para a Nação. Desse intelectual, enquadrado como historiador, e do grupo ao

⁷ Cunha (2002). Ver página 59.

qual pertencia, percebe-se uma visão de mundo ligada àquelas dos intelectuais do Exército; uma visão de mundo direcionada, sobretudo, aos ideais militares de proteção e conhecimento detalhado do território⁸.

Nos militares estavam presentes ideais, ou visões do mundo ligadas à organização, gestão e planejamento do território como também, temas relacionados à formação da população brasileira e das populações regionais.

Para elaborar esse discurso, os intelectuais ligados ao Exército utilizaram da ciência História como uma ferramenta fundamental para que a ideia de Nação fosse forjada. A Geografia, ou o conhecimento geográfico junto à História, teve um papel importantíssimo de (re) conhecimento do território e, sobretudo, na elaboração de um discurso que era apresentado com cunho nacional, porém, dizia respeito também ao território.

A ideia de nação estava completamente vinculada à população e, conjuntamente, ao território. O discurso elaborado pelos intelectuais que faziam parte ou que respondiam à camada dirigente, vinha na direção de colocar a história como o principal veículo de formação e consolidação da Nação ainda em construção.

A revisão histórica como tema principal das obras dos historiadores e daqueles intelectuais que não tinham uma formação oficial dentro dessa ciência, não se apresentou como uma mera reprodução dos fatos históricos. Historiadores como Varnhagen e Oliveira Vianna apresentaram em suas obras uma revisão histórica que procurou atender “a necessidade básica das nações que estavam em vias de formação.” (ODÁLIA, 1997, p.34).

Os historiadores atenderam ao apelo e procuraram atender a essa necessidade básica das nações que estavam em vias de formação. Eles se admitiram como os forjadores de nacionalidade. Agiram premidos e impulsionados pela urgência e pela consciência da tarefa que tinham a realizar. E é por isso que, para compreendê-los e explicá-los em suas relações com os grupos sociais que os sustentam e dão os elementos de sua concepção do mundo, é necessário que nos detenhamos e procuremos estar o mais próximo do que pensavam ser sua missão. É preciso refletir mais demoradamente nos elementos e nos fatores que condicionavam sua ação e seu pensamento, e que

⁸ Nos estudos de intelectuais ligados às forças armadas, sobretudo ao Exército, percebe-se uma preocupação constante com o conhecimento detalhado do território, sobretudo, com os recursos, de qualquer ordem, disponíveis num espaço delimitado. Isso fica evidente nas cartas topográficas e mapas presentes nos estudos desses intelectuais. Nelson Werneck Sodré, Mário Travassos, Golbery de Couto e Silva e Juarez Távora são exemplos desses intelectuais.

eles acreditavam ser o cerne para a constituição e a preservação dessa nacionalidade. Quando decodificamos seus escritos, quando nos aproximamos do que tinham em mente, ao falarem em Nação, atingimos o momento-chave do desvendamento. Este é o elemento central, a pedra angular de sua intimidade, que não é apenas a deles, mas de seu grupo social ou dos grupos sociais que se constituem e almejam a direção da Nação, criando, inventando projetos para ela (ODÁLIA, 1997, p.35-6).

A ideia de projeto foi utilizada pelos intelectuais entre o final do século XIX e início do XX no sentido de consolidar algumas questões, tais como: a criação de uma Nação⁹ coesa, de uma nacionalidade ainda não criada e do problema da unidade do território, esse, vivenciado desde o período colonial (ANSELMO, 1995).

O projeto de nação elaborado por esses intelectuais foi pensado e elaborado utilizando-se do mecanismo supracitado da “revisão” histórica, fazendo da ciência História e da Geografia uma forma de (re)pensar o Brasil, reescrevendo e construindo uma outra continuidade, ou seja, uma outra história do Brasil: o Brasil que a elite dirigente desejava.

O sentimento nacional foi “forjado no dia-a-dia” da vida colonial. Esse sentimento nacional estava mais diretamente ligado com a questão da propriedade da terra, “conquistada e reconquistada”, do que ao sentimento comum de um grupo de pessoas que partilhavam os mesmos valores, “que pudessem transformar uma massa heterogênea num povo, num simples território, numa Nação”. (ODÁLIA, 1997, p.43).

Em tais condições não se tem uma Nação. Tem-se um projeto. Um projeto que deve ser criado, elaborado, esmiuçado e explicado. Um projeto, diga-se de passagem, é uma idealização, mas também uma construção. Enquanto idealização, mas também uma construção. Enquanto idealização, consubstancia os ideais e anseios do grupo social ou dos grupos sociais capazes de compreender o que representa o sentimento nacional e a nacionalidade para seus próprios fins; enquanto construção, ele demanda que se possuam os instrumentos políticos e persuasórios adequados para que se possa transformar a massa heterogênea em um povo que se determina, um território imenso sem unidade, num país e numa Nação (ODÁLIA, 1997, p.44).

⁹ “O que é uma Nação, quando se admite que seu agente formador não é o povo que a deveria fazer, mas o Estado, entendido como agente tutelar e onipresente em sua ação e em sua omissão? que espécie de Nação deve nascer de um solo primitivamente ocupado por homens, cujo estágio de civilização não ultrapassou a barbárie e cuja incapacidade se revela pelo simples fato de que jamais conseguiram constituir-se como Nação? Que Nação pode surgir do seio de uma população que, formada por três etnias – uma das quais das quais sem nenhuma relação com a terra ou com as outras etnias – não atingiria nem a unidade nem a organicidade de um povo? (ODÁLIA, 1997, p.43).

Nelson Werneck Sodré, intelectual do início do século XX, compartilhou com a prática dos intelectuais do período na elaboração desse projeto para a Nação. Nas três obras analisadas neste trabalho, Sodré demonstra a intenção e a atitude de se realizar tal proposta.

Seremos capazes de conjugar interesses e de articular tendências, de forma a constituir uma comunhão nacional, em que o problema da unidade se estabeleça em linhas precisas, para maior valor de nossa gente e constante desdobramento do Brasil (SODRÉ, 1941, p.120).

A produção intelectual da primeira fase de Nelson Werneck Sodré ocorreu num dos momentos cruciais da História do Brasil, ou seja, no período Getúlio Vargas. A obra apresentou uma ligação direta aos anseios do Estado para com a construção da ideia de Nação e também para com as políticas direcionadas para o território. O projeto para o Brasil que está presente na obra do autor é o mesmo das produções do grupo de intelectuais ao qual pertencia.

Os intelectuais que estavam a “serviço” do Estado no período Vargas, até mesmo durante o Estado Novo, tinham o reconhecimento estatal da sua prática, ou de seu trabalho como intelectual, o que possibilitou uma ampla liberdade de criação.

O Estado lhes reconhecia a vocação para se associarem, como elite dirigente, à afirmação da nação através de sua indispensável contribuição à cultura política nacional. O Estado e os intelectuais, compartilhando o desdém pela representatividade democrática e a nostalgia por uma administração do social que tomasse lugar da política, foram levados a agir como sócios a serviço da identidade nacional. Se os intelectuais aderiram a uma “ideologia do Estado”, o Estado aderiu a uma ideologia da cultura, que era também a ideologia de um governo “intelectual”. Além disso, o Estado não reconhecia outra expressão da opinião pública exceto a representada pelos intelectuais. Vale dizer que o Estado atribuía, de fato, três papéis complementares aos intelectuais: concorrer para a definição das finalidades da ação política, expressar a presença da sociedade civil e dar o exemplo de um ator social coletivo. No discurso teórico daquele momento, esses três papéis foram interpretados também como três atributos: definir o que fundamenta a unidade social e o que se relaciona ao ato transformador; revelar a realidade; formar uma corporação que assumisse o interesse geral, acima das corporações encarregadas dos interesses específicos. Mais ainda: uma vez que o Estado brasileiro se legitimava por uma dupla aptidão – a de se adaptar às leis que presidem à evolução do real, e a de promover uma racionalidade que orientasse o desenvolvimento econômico e gerasse as relações sociais –, ele conferia à ciência o estatuto de componente primordial da política e, simultaneamente, aos “intelectuais” o de protagonistas privilegiados da vida política. Estado e intelectuais estavam mutuamente comprometidos (PECAULT, 1990, p.72-3).

Assim, Nelson Werneck Sodré, no período supracitado, elaborou teoricamente questões que diziam respeito às necessidades da Nação em construção. A revisão histórica realizada por esse intelectual apresenta-se como direcionamento geral da sua primeira fase intelectual e política.

O século XIX apareceu com destaque nas obras dos intelectuais envolvidos com o projeto de Estado no Brasil. Esse século foi o período principal de consolidação do chamado projeto nacional: o projeto de *construção do país*.¹⁰ Tal projeto foi cunhado no século XIX e as ações práticas que dele surgiram, foram e são vivenciadas até os dias atuais, sobretudo, quando se percebe o processo histórico no desenrolar do século XX no Brasil¹¹.

Uma vez implantado o Estado Nacional, impunha-se como tarefa o delineamento de um perfil para a “Nação brasileira”, capaz de lhe garantir uma identidade própria no conjunto mais amplo das “Nações”, de acordo com os novos princípios organizadores da vida social do século XIX. (MORAES, 2005, p.96).

O papel do Estado nesse processo é o de construtor legítimo da nação. É ele que realizaria a construção da nacionalidade, “entendida como o povoamento do país”, (MORAES, 2005). A população aparece num lugar subalterno na construção da nação e o povo era visto como um recurso na construção do país.

O Brasil no início do século XX recebeu esse projeto elaborado pela elite dirigente do século XIX para dar a continuidade necessária a ele. Os intelectuais se apresentaram como um dos grupos dessa empreitada¹².

As décadas iniciais do século passado foram as principais no sentido da consolidação do projeto nacional. Uma mudança significativa no pensamento brasileiro naqueles anos foi a “superação” da ideia de *civilização* pelos intelectuais. De acordo

¹⁰ Moraes, 2005, p.93.

¹¹ “A eficácia de tal ideologia advém do fato de agregar num mesmo enunciado um conjunto de valores caros às elites, entre eles a sacralização do princípio da manutenção, entre eles a sacralização do princípio da manutenção da integridade do território nacional, valor supremo justificador de qualquer ação estatal”(MORAES, 2005, p.93).

¹² As idéias aqui expostas vão aparecer em variados discursos e em diferentes propostas de distintos atores políticos e de diversos setores das elites ao longo do século XIX e das primeiras décadas do século XX. Nesse sentido, podem ser equacionadas como componentes da mentalidade vigente nas elites do país, os quais se expressam em ideologias e discursos singulares que lhes servem de veículo, num processo onde a reiteração de certos juízos “de fundo” acaba por reificá-los, ao alcá-los à condição de verdades inquestionáveis e inquestionadas (MORAES, 2005, p.96).

com Moraes (2005), uma postura cientificista começava a se hegemonizar e acabava difundindo o ideal científico da *Modernização*.

Tal conceito, central no pensamento brasileiro do século XX, reveste-se também de densa espacialidade. Pode-se dizer que modernizar é, entre outras coisas, reorganizar e ocupar o território, dotá-lo de novos equipamentos e sistemas de engenharia, conectar suas partes com estradas e sistemas de comunicação. Enfim, modernização implicava no caso brasileiro necessariamente valorização do espaço. Neste sentido, o país podia ser novamente equacionado como âmbito espacial no qual o Estado devia agir para instalar o novo projeto nacional: a construção do Brasil Moderno. (MORAES, 2005, p.97).

O Estado brasileiro, nos Trintas, promoveu a criação e instalação do aparelho estatal ainda “inexistente”. Getúlio Vargas, como representante do Estado, promoveu o processo de modernização técnica do país em algumas frentes principais: a consolidação da integração territorial, o processo de regionalização do país, as regiões – cada uma com a sua particularidade formando um corpo coeso – e o desenvolvimento do interior do país, integrando-o ao *corpo nacional*¹³.

As propostas do Estado brasileiro no período varguista foram debatidas e elaboradas também pelos intelectuais do país. Elas foram direcionadas, muitas vezes, por visões de mundo diferenciadas. A vigência do pensamento conservador, nesse período, foi nítida. (PECÁUT, 1990) Assim, Nelson Werneck Sodré e o grupo ao qual pertencia, elaboraram seus discursos a partir de suas revisões históricas, no sentido de contribuir para esse projeto nacional.

Nelson Werneck Sodré, na sua primeira fase intelectual, teve suas produções e suas concepções de mundo, ligadas às propostas do Estado. Suas obras *Panorama do Segundo Império (1939)*, *Oeste: ensaio sobre a grande propriedade pastoril (1941)* e *Formação da Sociedade Brasileira (1944)* apresentam temas relacionados diretamente com o processo de modernização no sentido de construir e consolidar o projeto nacional.

Portanto, o projeto nacional é a própria construção o país e discutir as propostas colocadas em debate pelos intelectuais do período é discutir a própria construção do país colocada ou não em prática, conforme já destacou Moraes (2005).

¹³ Termo cunhado por Nelson Werneck Sodré que designava a área mais desenvolvida economicamente do Brasil.

Estas três publicações, entre os anos de 1939-1944, são as principais revisões históricas realizadas pelo autor naquela fase, dando direcionamentos outros para o país e, conseqüentemente, respondendo ao projeto nacional.

A obra *Panorama do Segundo Império (1939)* buscou compreender o Segundo Império demonstrando a importância que aquele período teve para a sua formação e para a manutenção do território tal como o conhecemos hoje. Essa produção demonstra que primeiro foi assegurada a integridade do território e, posteriormente, os esforços para forjar uma nação foram colocados em prática.

A phase de transição entre a abdicação do primeiro imperador e a maioridade do segundo é das mais difíceis que o Brasil atravessa. Nunca esteve, como nesses annos, em perigo a unidade brasileira, - essa milagrosa unidade que atravessa quatro seculos, atravez dos choques mais terríveis e se mantem atravez dos contrastes mais notáveis. Tanto mais espantosa ella nos surge, - e nos surprehende, - quanto mais estudamos as suas crises e acompanhamos os seus revezes. (SODRÉ, 1939, p.3).

No *Oeste: ensaio sobre a grande propriedade pastoril* tem-se um discurso sobre o papel que as terras do interior do país desempenharam e que deveriam desempenhar na consolidação da unidade nacional brasileira. O autor inicia o seu discurso dizendo:

Desconhecido e complexo, quer na sua geografia, quer na sua história, quer na sua organização social, o Oeste brasileiro permanece uma incógnita. Houve um momento, na distensão territorial da colônia, em que ele surgiu como uma gigantesca promessa. Seria a fonte inesgotável de todas as riquezas e representaria, ao mesmo tempo, a possibilidade de fuga ao fisco litorâneo, expresso na autoridade dos mandatários do erário lusitano. A arremetida das bandeiras, entretanto, cessado o motivo que a suportava, descaiu bruscamente, deixando uma conquista extensa onde os centros de população se dispersavam (SODRÉ, 1941, p.11).

Sob esse discurso ainda, realizou uma proposta no desenvolver dessa obra que dizia respeito à interligação do território por meio das vias férreas; assunto detalhado numa etapa posterior neste trabalho. A revisão histórica do autor, nessa obra, ajudou-o a construir um discurso direcionado à importância das várias vias de comunicação do país, tanto naturais como aquelas construídas pelo homem. A ideia de nacionalidade nesta obra estava ligada à construção técnica no território, ou seja, para o autor somente a consolidação de um processo de modernização no grande interior brasileiro possibilitaria a construção efetiva da nacionalidade.

A tese central da obra *Formação da Sociedade Brasileira* é a forma como os portugueses organizaram o território colonial deixando-o propício no sentido de

inaugurar uma lógica própria das terras brasileiras. O resgate histórico realizado por Nelson Werneck Sodré permitiu uma (re) leitura da formação da sociedade brasileira bem como, de visualizar o projeto da elite dirigente do país, ou seja, da construção do país.

Nessa obra de 1944, Sodré faz uma crítica aos intelectuais que contam a história brasileira e que ficam restritos à história do “bloco geográfico que vai do bojo nordestino a São Paulo”, ou seja, ao litoral. Nosso autor dá um destaque importante à história do grande interior brasileiro. Isso é uma das características particulares da obra deste autor, em que o interior aparece como imprescindível no desenvolvimento da nação.

A introdução do livro *Formação da Sociedade brasileira* destaca a importância do resgate histórico para projetar o país. Seria a partir daquilo que poderíamos denominar de “desvios e erros” do período colonial que, segundo ele, se poderia planejar a vida futura do povo brasileiro; essa parcela que ele afirma que não participa da “vida nacional”.

A certeza de que, em realidade, caminhamos menos do que se julga, confirma a utilidade do exame do passado, para a interpretação do presente e para a marcha dos anos seguintes, numa fase de transformações sensíveis, como aquela que vamos atravessar. A ânsia do reformador deverá, então, considerar firmemente a herança cultural, definindo tendências e preferências, passíveis de alterações, é certo, mas segundo a obra demorada e sensível do tempo e da persistência em rumos nítidos, e erguendo-se como barreira perigosa às generalizações fáceis e ao ímpeto demolidor próprio das horas de mudança. Por mais que certas ufanias nos tenham obscurecido o senso de julgamento, em relação às nossas próprias possibilidades, e à contribuição que daremos à reconstrução do mundo, é necessário levar em conta que o Brasil ainda é bastante colonial em muitos dos seus aspectos, - o econômico entre eles, e a visão dessa tormentosa noite de servidão não deve fugir aos nossos olhos, no julgamento do que faremos e do que poderemos fazer.

A estrutura evitada de desvios e erros coloniais que possuímos é, evidentemente, incompatível com qualquer grande esforço que desejemos levar a termo, para encontrar um lugar digno, na comunidade dos povos. A vida nacional ainda se exerce em torno de uma parcela diminuta daquilo que se convencionou chamar de povo brasileiro. A sua maioria, não participa, de forma alguma, - ou melhor, senão sob a pior forma, - da existência do país. Sem congregar, entretanto, pelo menos a quase totalidade dessa massa inorganizada, pouco conseguiremos realizar de sensível. E só poderemos alcançar uma finalidade tão importante quando nos convenceremos de que a herança do trabalho está viscerada de defeitos tremendos, em nosso país (SODRÉ, 1944, p.7).

O historicismo marcou profundamente a produção científica de Sodré desde a sua primeira fase intelectual. Na verdade, nosso autor, neste período, dispõe de uma concepção de mundo autoritária¹⁴, conservadora e historicista¹⁵. Michael Löwy (1987) diz que o historicismo não é algo linear, “constituindo em sua fase inicial numa matriz conservadora, seguindo de uma ruptura à esquerda com o relativismo, e constitui-se na sua última fase em uma matriz mediada pelo marxismo”. (CUNHA, P.R, 2002).

Segundo Löwy

É importante ver o historicismo, ele mesmo, no seu desenvolvimento histórico. Quando ele aparece, sobretudo na Alemanha, no fim do século XVIII e começo do século XIX, tem um caráter fundamentalmente conservador, ou mesmo, retrógrado, reacionário. Visava legitimar as instituições econômicas, sociais e políticas existentes na Alemanha, na Prússia, na sociedade tradicional, enquanto produtos legítimos existentes na Alemanha, na Prússia, na sociedade tradicional, enquanto produtos legítimos do processo histórico, como resultado de séculos e séculos de história, resultados de um processo orgânico de desenvolvimento. E toda a tentativa de abolir, de destruir, essas instituições veneráveis, seculares, históricas, seria arbitrária, anti-histórica, artificial que, portanto, só poderia conduzir à catástrofe. É em nome do historicismo, desse historicismo conservador, que se condena as revoluções e, em particular, a Revolução Francesa. Mas também se condena o capitalismo, que aparece como uma erupção de algo novo, que está em oposição a estas veneráveis instituições e, portanto, ao desenvolvimento histórico. (LÖWY, M. 1996, P.70).

Neste sentido, a corrente e a etapa que interessa para relacionar a primeira fase do pensamento de Nelson Werneck Sodré é o historicismo relativista. O historicismo relativista foi uma tendência no início do século XX no Brasil que teve uma influência direta com a trajetória política de Sodré. Segundo Cunha (2002)

No seu caso, entendemos que o eixo norteador materialista presente na fase inicial de sua trajetória como historiador possibilitou os suportes teóricos embrionários, mas, igualmente consistentes à sua posterior transição ao marxismo, e claro, a segunda etapa de sua trajetória como historiador possibilitou os suportes teóricos embrionários, mas, igualmente consistentes à sua posterior transição ao marxismo e, claro, a segunda etapa de sua trajetória vocacional como intelectual, quando entendemos ocorre sua transmutação ao Historicismo Marxista. Nesse sentido, é possível compreendermos através desse instrumental teórico disponibilizado por Löwy sua fase marxista subsequente, bem como perceber como se estabelece a evolução histórica de Sodré como um intelectual pequeno-burguês ao marxismo (...). (CUNHA, P.R, 2002, p.16).

¹⁴ Esta concepção de mundo autoritária, percebida no seu 2º livro – *Oeste: ensaio sobre a grande propriedade pastoril* – não perpassou as suas obras a partir do final dos anos de 1940 e início de 1950, quando, em contato com a teoria marxista e a influência desta no seu pensamento, adotou um visão para o Brasil baseada no nacionalismo e na democracia.

¹⁵ Para nos ajudar a discutir esta afirmação utilizaremos do texto de Paulo Ribeiro da Cunha: *Um olhar à esquerda: A utopia tenentista na construção do pensamento marxista de Nelson Werneck Sodré*.

O historicismo aparece, neste sentido, como o eixo teórico que direciona a possibilidade real de transição entre o positivismo e o marxismo, tendo em vista, a condição de intelectual historiador historicista como Sodré se apresentou desde o início de sua produção intelectual. “Ou seja, ainda que essa matriz [a historicista] receba influência de ambas as correntes desenvolvem expressões autônomas ou articuladas a ambas as concepções”.

O Estado e as “elites” no Brasil na concepção de Nelson Werneck Sodré

Analisar a obra de Nelson Werneck Sodré sem ressaltar a questão das “Elites” no Brasil bem como o papel do Estado na formação da sociedade brasileira é incorrer numa lacuna imprescindível. Como já é sabido, o autor elaborou sua obra, da primeira fase, no período histórico do Estado Novo e, naquele momento, o que prevaleceu e ganhou força foi o padrão de Estado autoritário aplicado na formação da sociedade brasileira.

Nelson Werneck Sodré apresentou em suas obras um discurso que respondia às ideologias do Estado Getulista e, também, às concepções autoritárias do momento. O papel das “Elites” e do Estado, esse como representante legítimo dos seus desejos, aparece nitidamente nas obras do autor: as “elites” letradas, como ele as denominou, foram as únicas capazes de levar o Brasil a um processo de desenvolvimento como nação. Por isso, o resgate histórico do Segundo Império do Brasil se faz com tanta importância:

A elite brasileira do segundo império, que sucedeu a elite portuguesa que, vinda no bojo da independência, entrou pelo império a dentro, era constituída pelas oligarquias provinciais, fortalecidas pelo patriarcado brasileiro e enraizadas na terra. As suas figuras principais era os grandes senhores dos latifúndios, donos das extensões enormes: fazendeiros de café, credores de gado, senhores de engenho, gente do norte, gente do centro, gente do sul e do interior, que tinha bens e riqueza e vivia dessa produção e que, velando por essa riqueza e por essa produção, velava pela riqueza e pelo desenvolvimento do país. (SODRÉ, 1939, p.45).

Nessa obra, o autor referiu-se várias vezes à “elite” que compunham o quadro da sociedade brasileira após o processo de independência. Essa “elite” tiveram um papel importantíssimo na caracterização da sociedade brasileira, pois, na concepção do autor, foi ela, enquanto Estado, que conduziu a formação e a consolidação do Brasil.

A composição dela foi algo que é destaque na obra werneckiana. A “elite brasileira” era composta de diversos segmentos da sociedade (setores da economia e da política) e de diversas regiões do país como demonstrado na citação acima.

Uma característica destacada diversas vezes pelo autor, bem como por grande parte da intelectualidade do mesmo período (pensadores autoritários como Oliveira Vianna, Francisco Campos, Azevedo Amaral etc; liberais como os modernistas da Semana de Arte Moderna e educadores como Fernando de Azevedo) diz respeito à educação dessa elite. Ela deveria ter uma educação mais rígida e mais completa a fim de apresentar condições suficientes para conduzir a nação. A maioria dos filhos de fazendeiros de café, bem como os filhos daquelas famílias abastadas das diferentes regiões do país estudavam na Europa. Eram com as ideias externas que essa elite “letrada” iria conduzir o país, ou melhor, iriam *construir o país*¹⁶.

Era a nobreza e a elite que deu esplendor e glória ao segundo império. Muitos deles estudavam na Inglaterra, viajavam, corriam mundo. Quando amadureciam, ultimavam os casamentos estabelecidos para a perpetuação e o fortalecimento das oligarquias provinciais e entravam para a representação na corte. Nela, iam debater os interesses de sua gente, dos seus engenhos, das suas lavouras. Não permitiam mais liberais que os necessários para dar essa coloração a um dos tradicionais partidos em que se dividia a política imperial. Por essa época, é grande o número de brasileiros que estudam na Inglaterra. E é grande o número de viajantes ingleses do segundo império. Desse intercâmbio, devia surgir, como surgiu, a aparência de retidão modelar e de compostura política que é, ainda hoje, uma das cousas que nos seduzem, do tempo da monarquia (SODRÉ, 1939, p.45).

O investimento na educação dos filhos da elite brasileira foi algo visto como essencial e superior, de maneira generalizada na sociedade, no período. O trabalho físico e o trabalho da terra eram vistos como “aviltantes” pelos senhores das terras. Os seus filhos não se misturariam à gente do “trabalho braçal”, vista como “suja” e “indigna”. Esse tipo de trabalho era característico de escravo e não de “filho de homem branco”. Nelson Werneck Sodré ao explorar esse momento histórico, faz uma crítica

¹⁶ MORAES, 2011, p.85-89.

sobre as consequências que esse ideal espalhado na sociedade do século XIX, no Brasil, provocou como consequência moral.

Certamente, uma das consequências morais mais nefastas, mas mais fundas da escravidão foi o horror que transmitiu ao homem branco de que o trabalho físico e o trabalho da terra eram aviltantes. Relegados taes misteres, por séculos, á camada mais baixa, na escala social, eles sempre se apresentavam, aos olhos dos filhos da terra, como cousa indigna e suja. Empregar os braços na lavoura, semear e colher, tornar-se sábio em qualquer cousa que dissesse de perto com o esforço physico e com o contacto da terra, - era cousa em que não pensavam os brasileiros. E não pensavam porque séculos duma tradição confusa e permanente haviam fixado nos seus subconscientes a ideia de que tal forma da actividade, sendo praticada só por escravos, era digna apenas de escravos.

Dahi o desejo dos senhores de engenho e dos fazendeiros, dos proprietários e dominadores da terra, de terem filhos doutores, filhos que estudassem nas capitais, que estudassem em Coimbra, que estudassem na Inglaterra. Quando, hoje, nos incriminamos com os males do nosso bacharelismo, oriundo desse gosto pelos títulos e pelos canudos de papel, estamos longe de suppor que isso venha de tempos tão remotos. (SODRÉ, 1939, p.46-7).

No trecho acima, o autor menciona a palavra “hoje” remetendo ao período histórico da escrita do livro, no caso 1939. O fragmento passa a ideia de que a sociedade brasileira estava sempre em busca dos “canudos de papel”, metáfora utilizada pelo autor para dizer que grande parte da sociedade brasileira desejava, na verdade, ser também elite. Esse desejo estava totalmente vinculado ao da obtenção de qualquer título de formação.

Nelson Werneck Sodré explora o momento em que a elite deixa de ser essencialmente agrária para se tornar também urbana. Esse processo marca nitidamente o período inicial da urbanização brasileira, também retratado pelo autor. De acordo com Sodré (1939) “inicia-se a phase urbana da civilização brasileira. A elite agraria vae ser substituída pela elite dos letrados”.

O autor discute a posição da elite dos letrados em relação à importação de suas ideias de uma realidade externa à qual pertencia. Essa elite buscava os seus ensinamentos e suas bases filosóficas na literatura europeia. Era dessa base literária que se tentou por muito tempo elaborar soluções para o Brasil. Buscou construir uma crítica em relação a isso destacando a importância da elaboração de ideias a partir da realidade interna. Esse posicionamento do autor é claramente de cunho nacionalista, no sentido da elaboração interna de um projeto de nação.

A aprendizagem se fazia, como ainda hoje, nos livros. E os livros eram estrangeiros, em sua maioria. Inicia-se, então, no Brasil, a fase de

importação. Importam-se as escolas literárias. Importam-se as escolas philosophicas. Importam-se as tendências políticas. E essa elite de letrados, habituada ao trato dos livros entra a legislar para uma terra onde as condições econômicas eram extremamente diversas daquelas que, em outras terras, haviam propiciado o aparecimento daquelas doutrinas que elles aprendiam nos seus livros e que esposavam com tanto calor. (SODRÉ, 1939, p.48).

Nelson Werneck Sodré mesmo tendo um posicionamento a favor em relação à condução do país pela elite letrada tece críticas em relação à sua prática em toda a obra. Segundo ele, quando do momento da ascensão da elite dos letrados ao poder, o idioma do país passou pela sua fase mais crítica. A crítica do autor remete ao papel que a elite deveria ter quando na condução do Estado.

Nas assembléas provinciaes alterava-se a eloquência brasileira: sonora, brilhante e vazia. Constituíam essa camaras-mirins o palco apagado e escondido onde esnaiavam o voo as futuras águias do parlamento nacional. Um estagio nesse andar térreo do edificio parlamentar brasileiro ia conferir-lhes desembaraço e animo para mais arriscadas façanhas. A elite dos letrados se alistava nesses entreveros sonoros e innócuos, em que jugavam resolver não só os destinos da pátria como os do continente, quiçá dos da humanidade. Os tropos oratórios eram cuidadosamente recolhidos. As imagens, anotadas para uso futuro. A violência épica das passagens, causava o enlevo dos mais tímidos ou dos mais ignorantes. A palavra entrava no uso de que só agora começa a se desfazer, de enfeite do mau gosto, de fitinha amarella para a vacuidade do pensamentos dessa elite parasitaria que se insinuava pelos cargos públicos, que se apegava ao organismo burocrático nacional, que se infiltrava no arcabouço político do paiz e, como as traças, ia derrocal-o no momento mais favoravel. (SODRÉ, 1939, p.89).

Seguindo esse pensamento, a elite é um grupo coeso que apresenta desejos em comum no que se refere ao projeto da nação. Para ele não há divisão tão formal em relação aos conservadores e liberais. O autor expõe a posição de Azevedo Amaral (*O estado autoritário e a realidade nacional - 1938*) sobre a elite discordando dele:

Não tem pois fundamento, nesse ponto, a observação de um dos mestres da pesquisa social no Brasil, Azevedo Amaral, quando estabelece a divisão formal entre conservadores e liberaes, aquelles representando a elite agraria, este a elite dos letrados: “conservadores identificavam-se com as forças productoras representadas principalmente pela lavoura nordestina da canna de assucar, e já em proporções apreciáveis , pelos cafezaes do Valle do Parahyba. Em campo opposto estavam os liberaes, genuínos expoente do espírito demagógico que se elaborara no seio da classe que pouco ou nenhum contacto tinha com as realidades da vida economica do paiz. (SODRÉ, 1939, p.98-9).

O sentimento nacionalista que foi expresso nas obras do autor teve influencia devido à sua formação militar, em que o discurso nacionalista é parte inerente da instituição. A condução do país deveria se dar sem luta de classes e, o que deveria verdadeiramente existir era uma comunhão de interesses para que o país entrasse no caminho da modernidade. Esse discurso foi elaborado tanto por aqueles intelectuais “liberais” como também por aqueles considerados “conservadores”.

É costume apontar a inspiração fascista das iniciativas do governo Vargas na área educativa. Lembremos, porém, que nessa área, como em outras, o governo adotou uma postura autoritária e não-fascista. Ou seja, o Estado tratou de organizar a educação de cima para baixo, mas sem envolver uma grande mobilização da sociedade; sem promover também uma formação escolar totalitária que abrangesse todos os aspectos do universo cultural. Mesmo no curso da ditadura do Estado Novo (1937-1945), a educação esteve impregnada de uma mistura de valores hierárquicos, de conservadorismo nascido da influência católica, sem tomar a forma de uma doutrinação fascista. (FAUSTO, 2008, p.337).

Segundo Pécaut (1990) os intelectuais “liberais” estavam convencidos de que a “República se mostrara incapaz de formar as elites necessárias a qualquer modernização”. A geração de intelectuais (1920-1940) não fugiu, de demonstrar isso nos seus escritos. Sempre houve uma preocupação em relação à formação dessa elite, justamente, para prepará-la na condução do país rumo à modernidade. Assim, portanto, o discurso desses intelectuais apareceu enquadrado num elitismo característico do período.

Na sua primeira fase intelectual, o autor estava inserido nesse grupo de intelectuais que produziram um discurso de caráter elitista em relação à sociedade brasileira, ou melhor, em relação ao processo de formação da sociedade brasileira. No tratamento dado sobre a elite, esses intelectuais, tiveram os cuidados necessários para criar a ideia de uma elite culta, ligada diretamente ao fazer científico, que poderia conduzir o país de modo que a sua influência sobre a massa iria se tornar algo imperceptível.

Na obra *Panorama do Segundo Império* são muitas às vezes em ‘que o autor toca na questão da educação da elite, enquanto elite dirigente. A preocupação era de se ter uma elite intelectualmente mais bem preparada para conduzir o país para a modernidade, como destaca Fausto (2008).

Os vencedores de 1930 preocuparam-se desde cedo com o problema da educação. Seu objetivo principal era o de formar uma elite mais ampla,

intelectualmente mais bem preparada. As tentativas de reforma do ensino vinham da década de 1920, caracterizando-se nesse período por iniciativas no nível dos Estados, o que correspondia ao figurino da República federativa. Em São Paulo, o propósito de combater o analfabetismo e a preocupação de integrar os imigrantes geraram em 1920 a reforma promovida por Sampaio Dória, só parcialmente executada. Iniciativas reformistas surgiram também no Ceará, pela ação de Lourenço Filho, a partir de 1922; na Bahia, com destaque para Anísio Teixeira (1924); em Minas Gerais e no Distrito Federal, promovidas respectivamente por Mário Casassanta e Fernando de Azevedo (1927) (FAUSTO, 2008, p.336-7).

Fiéis à proposta implementada por Getúlio Vargas, os intelectuais dessa geração continuaram a produzir um discurso para o Estado brasileiro.

“O Estado Novo é o Estado brasileiro, segundo as tradições brasileiras, orientado no sentido das nossas realidades”, declara Getúlio Vargas em agosto de 1939. Esse Estado não surgiu do nada, mas reivindicava sua continuidade com o Estado do século XIX, e mais atrás, com o Estado português. Para se afirmar acima da sociedade, não carecia da “ideologia do Estado” que lhe propunham certos doutrinários. Por outro lado, necessitava dela para assumir as funções que lhe competiam na nova fase de desenvolvimento e, mais ainda, para dispor de uma representação política que, sob o signo da unidade orgânica, permitisse a substituição da representação democrática pela representação corporativa. “Só os povos bem organizados, de vigilante espírito nacionalista, subsistem”, afirma ainda Getúlio Vargas. Enquanto os intelectuais permanecerem fiéis à sua vocação nacional, terão seu lugar garantido nas fileiras do Estado. (PÉCAUT, 1990, p.74).

Como dito, o Estado estimulava a produção um discurso que contribuísse para o desenvolvimento da nação. Como o próprio Vargas destacou, o Estado daquele momento era somente o resultado e o projeto das reivindicações do século XIX. Mais uma vez, o destaque da importância do século XIX aparece, e agora, como algo reconhecido pelo dirigente do Estado.

A questão racial (*ethnia*) e o problema da identidade brasileira

Nas três obras elencadas para a nossa análise, uma preocupação corrente do autor é com a questão racial do Brasil. O discurso empreendido esteve voltado para a questão da composição racial das populações existentes e nas várias “ethnias” que compunham esse recorte espacial desde o período da colonização. A relação das raças com o meio foi uma das bases epistemológicas de sua primeira fase intelectual assim como dos intelectuais do final do XIX e início do XX.

Nas obras *Formação da Sociedade Brasileira e Panorama do Segundo Império*, Nelson Werneck Sodré construiu uma análise sobre a composição racial do Brasil. O autor trata os negros e os índios como *peças* ou *elementos* demonstrando muitas vezes uma forma pessimista de se dirigir a essas populações.

Nessa fase da obra, era forte a influência das ideias de Oliveira Vianna, Nina Rodrigues, Gilberto Freyre e Euclides da Cunha¹⁷. O diálogo direto de NWS com esses teóricos o coloca como um dos precursores das Ciências Sociais no Brasil, em moldes modernos.

As proposições desses intelectuais diziam respeito a uma problemática mais grave e mais complexa do que a questão racial: a identidade nacional brasileira.

As influências de alguns autores foram fundamentais para a formação do pensamento de Nelson Werneck Sodré. Porém, Oliveira Vianna foi a figura intelectual do início do século XX que mais direcionou o pensamento do autor na sua primeira fase intelectual. A obra de Vianna foi marcada pelo ecletismo em que se casavam as ideias advindas das teorias racistas, mesológicas e culturalistas do final do XIX, auxiliando-o na formação “de uma imagem particular do Brasil como um país a ser transformado segundo os valores europeus e americanos” (ANSELMO, 1995, p.44).

As teorias ratzelianas estavam presentes nas obras de Nelson Werneck Sodré, tendo sido buscadas e baseadas nas produções de Oliveira Vianna. Numa das cartas trocadas entre os dois intelectuais, em 1942, Vianna classificou Sodré de *antropogeographista*, mostrando a influência de Ratzel na produção werneckiana.

O seu Oeste, bello e substancial ensaio de anthrope geographia e sociologia regional, está lançado naquellas linhas largas, amplas de architectura e estylo que são tão do seu feitio literário e que tão bem exprimem as suas superiores aptidões para as grandes syntheses. O imponente panorama geographico do Oeste, pintado num dos ultimos capítulos do livro, a marcha das grandes correntes povoadoras bastariam para consagral-o como antropogeographista e como escriptor. O estudo da sociedade pastoril, primitiva e nômade, que vive e passeia (não seria este o termo justo?) por sobre estes vastos taboleiros campinosos, immensuraveis na sua vastidão, representam syntheses da mais segura technica, como sciencia social e como ecologia humana, digna de ser subscripta, por qualquer dos grandes observadores e analysts da escola leplayana – um Bureau, um Preville, um Descamps, um Rousiers. (OLIVEIRA VIANNA, 1942, p.20).

¹⁷ A influência de Euclides da Cunha em Nelson Werneck Sodré foi tão forte que no ano de 1959 Sodré publica um livro sobre Euclides da Cunha denominado de “*Revisão de Euclides da Cunha*”.

Nelson Werneck Sodré afirma, acompanhando as concepções do seu tempo, que o Brasil foi constituído da fusão de três raças fundamentais: o branco, o negro e o índio. Essas três “raças” fundantes do povo brasileiro são as responsáveis pela formação do “caráter nacional brasileiro”.

Segundo essa concepção, essas três raças apresentavam graus de evolução diferentes entre si. O “europeu” - homem branco era o símbolo de um nível superior da evolução humana. O índio e o negro, sobretudo o negro, estavam num nível de desenvolvimento civilizatório muito inferior ao branco. Essa composição racial brasileira apareceu como um entrave ao progresso da nação para um nível maior de “civilidade”.

Foi sobre essa realidade formada por distintas raças que os intelectuais do final do século XIX e início do XX elaboraram discursos sobre a nação brasileira bem como projetos para o território brasileiro.

A influência de Gilberto Freire sobre Nelson Werneck Sodré é de extrema relevância para a compreensão das propostas do autor para o Brasil. Dessa influência, advém a rejeição frontal da *pureza racial*. Segundo o autor a nossa formação social não deveria ser baseada na pureza racial e sim na miscigenação, pois somente esta última promoveria o caráter necessário para o estabelecimento de um processo de desenvolvimento da nação.

A contribuição do negro para a formação ethnica do Brasil, - além da sua contribuição para a formação social e política, com o cabedal fornecido para a formação psychologica do povo brasileiro, - foi duma relevancia que não póde deixar de ser posta em evidencia mas cuja explanação não poderia caber nos limites deste livro, senão nos duma obra especializada, como já vamos tendo, mercê da atenção que vêm merecendo os estudos a respeito, feitos à luz da verdadeira sciencia e não ao sabor dos sentimentos ou das directivas partidárias, dum partidarismo e duma unilateralidade que nem nossa é, que importamos como si a nossa formação permittisse o criterio de pureza racial, falso sob todos os pontos de vista, mas levantado para fins collateraes, em outras terras.

A miscigenação, que foi permanente, teve uma phase áurea no segundo imperio. Essa se processou das camadas inferiores para as superiores. Favoreceu-a a lenta ascensão do elemento negro, (...), ascensão que ajudou a marcha da ideia abolicionista e a circulação das elites. (SODRÉ, 1939, p.68).

Pode-se dizer que o negro teve um papel de destaque no discurso elaborado por Nelson Werneck Sodré e outros intelectuais do final do século XIX e início do XX. Com o processo da Abolição nos fins do século XIX essa parcela da população passou a

ser “considerada” como parte da sociedade e marcou o início de uma nova ordem. Segundo Ortiz (2006).

O negro aparece assim como fator dinâmico da vida social e econômica brasileira, o que faz com que, ideologicamente, sua posição seja reavaliada pelos intelectuais e produtores de cultura. Para Sílvio Romero e Nina Rodrigues ele adquire uma importância maior que a do índio (que se acredita estar fadado ao desaparecimento), ou, como dirão alguns: “o negro é aliado do branco que prosperou”. (ORTIZ, 2006, p.19).

Neste sentido, Nelson Werneck Sodré ressalta a importância do negro na formação do caráter nacional brasileiro.

A contribuição do negro para a formação do caráter da nossa gente foi enorme. Por ella fizemos a religião mais intimista, mais enfeitada, mais festeira, o seu caracter menos áspero. Por ella adquirimos uma dose mais elevada de emotividade e de superstição. Por ella nos fizemos mais sensuaes e pegajosos. Adquirimos, muito do africano e elle adquiriu muito de nós. Na mistura que se processou o tempo todo, a offerta do escravo foi profunda, e se integrou na **alma brasileira**.

Só agora se vae estabelecendo um estudo mais nítido do negro, distinguindo-o pelas suas procedências e pelas suas “nações”. Isso não poderia deixar de ser feito antes de qualquer hypothese sobre os rumos da **ethnia brasileira**. Distinguil-os é verificar a somma de traços transmittida ás gerações que se succederam. Só por esse caminho se poderá chegar a conclusões approximadas da verdade e de accôrdo com o verdadeiro sentido scientifico. Fóra desse terreno é a areia movediça das hypotheses primarias ou o “racismo” ingênuo dos mulatos alvoroçados (SODRÉ, 1939, p.58-9 **grifos nossos**).

O processo de escravidão na formação brasileira apareceu com destaque na obra do autor, bem como o papel que a população negra, indígena e as locais tiveram na construção de uma unidade nacional. Para Nelson Werneck Sodré o aparecimento do *elemento servil* iria marcar a fixação do elemento humano em terras brasileiras enfraquecendo a tendência nômade das populações locais. Isso funcionaria como um processo efetivo de ocupação e produção do/no território.

O advento do elemento servil marca, verdadeiramente, uma das encruzilhadas da formação brasileira. Antes d'elle, tudo era aventura e o proprio commercio único que possuímos, com margem para lucro dos que o exploravam, o do pau brasil, constituía alguma cousa de incerto. Não fixava o elemento humano na terra nova. Não abria perspectivas ao seu futuro. A lavoura, com a necessidade de fixação que trazia, com a promessa de lucros compensadores, devia forçar a estabilidade da colonia porque fazia com que aqui se constituíssem agrupamentos humanos, com interesses locais e, portanto, presos ao sólo que lhes dava a riqueza (SODRÉ, 1939, p.51).

O capítulo *Função Económica e Social* do livro *Panorama do Segundo Império*, discute detalhadamente o papel da escravidão na formação brasileira bem como o das transformações económicas ocorridas através do que o autor denominou de *cruzamento ethnico* entre as populações. Esse cruzamento entre o *elemento servil negro* e a parcela “branca” da sociedade brasileira foi vista como algo positivo pelo autor, pois, isso fixaria ainda mais a população ao solo, constituindo-se numa das soluções a um dos maiores entraves à “civilização” no Brasil qual seja o nomadismo.

A escravidão é assumpto tão largo, tão amplo, tão complexo por vezes, e as suas consequências, quer para o desdobramento das nossas energias económicas, quer para a **fixação das nossas características sociais**, tão profundas e tão notáveis que requer mais do que um simples capítulo desta summa do segundo império. Não nos é possível, entretanto, tratar della em todos os seus aspectos. Nem fazel-a motivo central da obra, o que seria mutilar o equilíbrio dos estudos de diferenciação que vimos compondo, para a analyse dum regime, mais do que isso, de meio século da evolução do povo brasileiro.

A não ser no dominio da pecuária, - em que a sua influencia não se fez sentir, directamente, - o trabalho servil enche os annos do segundo império como prolongamento da phase colonial, em que foram introduzidos os negros africanos no Brasil e iniciaram o processo de cruzamento ethnico e de levantamento económico que, sem esse factor inestimável, teria sido impossível (SODRÉ, 1939, p.50 **grifo nosso**).

Além do debate estabelecido nos livros, Nelson Werneck Sodr  também construiu um debate pol tico e intelectual sobre o Brasil em cartas trocadas com outros intelectuais, como j  vimos acima. Exemplos desses intelectuais s o Monteiro Lobato, Oliveira Vianna, Caio Prado Junior, Graciliano Ramos, Pierre Monbeig, Azevedo Amaral dentre outros.

O debate sobre a forma o social, ou melhor, *racial* do Brasil estava em evid ncia. Monteiro Lobato, em carta a Nelson Werneck Sodr  em 26 de abril de 1945, agradecendo Sodr  a oferta de seu livro *Forma o da Sociedade Brasileira*, fala sobre a forma o racial brasileira.

Venho agradecer a oferta de “Forma o da Sociedade Brasileira”. Pretendia faze-lo depois de totalmente lida a obra – mas quanta coisa retarda uma leitura total quando somos muito ocupados. Tenho tido agora uma sobrecarga de entrevistas... Mas j  li no bastante para ter o seu livro como dos mais esclarecedores que conhe o. Vamos vendo como os **ingredientes raciais e sociais iam caindo no panel o e como as circunstancias os mexiam e o que saiu** – ou o que est  saindo, porque somos uma coisa muito “em forma o ainda”, a receber ainda temperos novos e a abandonar tentativas de cristaliza o que falharam no meio do caminho. Obrigadissimo pois pelo [sic] presente mental que me deu com o seu solido ensaio. (LOBATO, 1945, grifos nossos).

O que fica evidente nessa carta de Monteiro Lobato a Nelson Werneck Sodré é a questão da miscigenação, dessa mistura de raças que com o passar dos tempos pintaria o quadro da formação social brasileira. Neste período da história brasileira, a miscigenação era uma das ideias defendidas pelos intelectuais. O que cabe destacar é o alinhamento de nosso autor com uma das proposições de miscigenação que já de encontro com a proposição do branqueamento, conforme propunha Oliveira Vianna, por exemplo.

Outro ponto muito interessante de seu projeto para o Brasil era que o estabelecimento da produção da cana-de-açúcar e do trabalho servil negro gerou uma “estabilidade colonial”. De acordo com ele, foi nos canaviais que se iniciou a vida brasileira. O negro e o canavial foram elementos essenciais no início da formação da sociedade brasileira: ali residia o nascimento da *sociedade nacional brasileira*.

Por isso mesmo a nossa historia se inicia quando a lavoura da canna de assucar começa a dar lucros compensadores e a se desdobrar em novas culturas e se expandir em novos mercados. Ella é quem fixa á terra brasileira os homens que vêm da metrópole. Em torno della é que se alicerça a estabilidade colonial. Função della é o apparecimento da fixação ao sólo e todos os sentimentos dahi decorrentes, o de defesa, em primeiro logar, que proporciona o ambiente e os meios com que a região nordestina se defende das incursões estrangeiras e acóde, aqui e ali, as partes assoladas ou invadidas.

Ora, o desenvolvimento da lavoura cannaveira nas terras de massapé só foi possível pela utilização do elemento africano. Foi o negro que supportou esse surto de riqueza que constituiu o motivo principal da vida da colonia até que, nos altiplanos de Minas Geraes, um novo gênero de existencia, baseado numa outra fonte de riqueza, vae attrahir as populações. Nos canaviais se inicia a vida brasileira. A roda delles começa a formar-se uma **sociedade nacional**. As senzalas augmentam. O commercio negreiro se desdobra para estar em condições de fornecer os braços para essa lavoura que progride rapidamente. O eixo da colonia permanece nessas zonas do massapé. O cannavial domina, sem rivalidades, dois séculos da existencia do Brasil portuguez. Nos outros dois continuará, com altos e baixos mas sem a mesma magestade e sem a exclusividade antiga. E o cannavial é o negro. O commercio dos africanos tem a sua phase mais notavel, pelo numero de escravos que faz entrar no Brasil, entre os meados do século XVIII e os meados do século XIX. (SODRÉ, 1939, p.51-2)

Pode-se perceber que, buscando respostas do que se pode chamar de “vida colonial brasileira”, Nelson Werneck Sodré resgata historicamente o passado da ex-colônia portuguesa colocando-a na direção do que viria a ser o “nacional”. Por isso o destaque feito ao que ele denominou de *sociedade nacional*. Assim, torna-se imprescindível essa discussão, pelos intelectuais, sobre a população que iria compor a

nação (em germe), pois seria parte dela ou a sua mistura que se tornaria o brasileiro ou mesmo, o que se tornaria o *nacional*.

Além do destaque acima presente no livro *Panorama do Segundo Império* o autor ainda trabalha detalhadamente o papel do negro na formação social brasileira em *Formação da Sociedade Brasileira* e concluirá que o mesmo foi um elemento primordial no que se refere a sua força social e cultural importada do seu local de origem: a África. Para Sodré esse *elemento servil* realizou um papel de condutor dentre o *caldeamento racial* constituído no Brasil.

A força social, cultural, do negro escravo é, entretanto, tão intensa, ela vive, de tal sorte, durante toda a existência colonial que, debaixo de todas as imposições, sob todos os esmagamentos, vai, lentamente, nessa sociedade heterogênea, desarticulada, cheia de brechas, infiltrar-se, erguer-se, encontrando um caminho, uma linha de menor resistência, mais adaptável do que as revivências culturais, mais segura do que a luta aberta: a mestiçagem. É por ela, principalmente, e trazendo nela tudo o que lhe é próprio, que o negro afeta, de uma maneira capital toda a vida da colônia, toda a sua articulação econômica, social, política, - é por ela que ele vai dominar o Brasil (SODRÉ, 1944, p.113).

Deve-se destacar o porquê da elaboração de um discurso da unidade e identidade nacional elaborado pela elite intelectual do país para entender o verdadeiro sentido daquela elaboração teórica. O início do século XX até meados da década de 1940 marcou um período de consolidação da unidade brasileira, momento, imprescindível para o processo de formação territorial do Brasil.

De acordo com Moraes (2011) uma visão territorialista acompanhou a concepção de país ao longo da formação brasileira. Para que o projeto de Brasil – a construção do país – entrasse num processo de consolidação, o papel do “povo” pertencente ao território brasileiro seria imprescindível na direção do projeto nacional. A população, esse grupo miscigenado, “era entendido como instrumento de edificação do país, não como a finalidade das ações, mas como meio na execução dos objetivos perseguidos pelas elites e pelo Estado” (MORAES, 2011, p.88).

Neste sentido, a questão presente diante da elaboração de um discurso para o projeto de nação em vigência era a seguinte: com que povo contou-se para construir o país. Duas tradições foram estabelecidas diante da avaliação acerca do futuro do Brasil: uma pessimista e outra otimista. A visão otimista “focava a natureza como garantia do

progresso vindouro”. A pessimista “identificava nos habitantes um forte obstáculo ao desenvolvimento” (MORAES, 2011, p.88-9).

Para a primeira corrente, um Estado com as qualidades naturais e os recursos disponíveis no território brasileiro estava fadado a ser uma potência geopolítica no futuro; para a segunda posição, era necessário agir para melhorar o povo, o que se traduzia basicamente em incentivar seu branqueamento. As políticas demográficas do império e da primeira república se objetivaram em grande parte como respostas a esta indagação. (MORAES, 2011, p.89).

Em Nelson Werneck Sodré estão presentes as duas tendências: as grandezas do território e de seus recursos naturais farão do Brasil uma potência futura, porém o processo de “evolução” e “civilização” dos povos dessa terra deve ser colocado em prática pelo Estado.

A visão territorialista presente desde o período colonial no Brasil submeteu as populações presentes no território a um projeto de cunho eminentemente territorial. A partir da independência em 1822, para que o projeto territorial do Brasil fosse desenvolvido adveio também a necessidade de um projeto para as populações alocadas nesse território – a identidade nacional. Nesse sentido, unidade nacional e unidade territorial passaram a caminhar juntas no projeto de Brasil (ANSELMO, 1995).

A necessidade dos intelectuais em elaborar um discurso sobre a “composição racial” do Brasil parte dessa premissa. Essa “necessidade” torna-se ainda mais candente a partir do processo de industrialização implementado na década de 30 do século XX. Nelson Werneck Sodré elaborou um discurso sobre as populações brasileiras em acordo com o projeto de Brasil implementado pela elite do país e, também um discurso acerca do território, um projeto de cunho modernizante.

A questão da miscigenação, ou seja, a mistura das raças presentes no Brasil, muitas vezes foi vista como algo negativo para a evolução social do país e por isso a defesa do branqueamento da população foi uma das vias defendidas por vários intelectuais desde o século XIX nos discursos de um Silvio Romero ou de um Nina Rodrigues. Sodré coloca esse processo da miscigenação como algo característico do Brasil e o mestiço como símbolo do indivíduo forte, aquele preparado para compor o processo de desenvolvimento do país, acompanhando outros intelectuais como Euclides da Cunha. Para nosso autor, como visto acima, a miscigenação processou-se das

camadas inferiores para as superiores e fomentou a ideia abolicionista e a “circulação das elites¹⁸”.

Pode-se dizer, de uma certa forma, que esses intelectuais, tal como Sodré, que estavam em consonância com as concepções do Estado, formulavam ideologias geográficas¹⁹ para compor o quadro político, social e econômico junto às políticas territoriais. Nesse contexto fica evidente o foco sobre a população junto ao projeto de Brasil.

O que se tem como evidência direta do discurso de Nelson Werneck Sodré e de seu projeto político de Brasil foi a sua busca incessante para encontrar o fio condutor de uma unidade para o Brasil, mesmo que essa unidade seja realidade ou fruto do desejo da elite dirigentes do país.

Considerações Finais

O discurso werneckiano apresentado nesse trabalho é decisivo para que possamos decifrar os códigos e os discursos que foram veiculados num determinado período histórico, mas que influencia diretamente na configuração daquilo que temos na contemporaneidade como Brasil, ou mesmo como território brasileiro.

A contribuição de Nelson Werneck Sodré no que diz respeito ao processo de formação territorial do Brasil é imprescindível para que possamos entender um fragmento da dinâmica total que se insere o país no sentido de sua formação identitária nacional. Sua produção revela que o progresso material esteve à frente dos impactos sociais que os projetos envolvidos no ordenamento do território poderiam provocar.

Sodré realizou uma leitura do espaço geográfico brasileiro tendo como concepções basilares às dos geopolíticos brasileiros das décadas de 1930 e 1940. Tal aparato provocou uma confluência no seu discurso que caminhou, quase sempre, em consonância com os “braços” direcionadores dos projetos de Estado, vide, por exemplo,

¹⁸ SODRÉ, 1939, P.149-157.

¹⁹ “Este breve painel propicia visualizar um contorno geral do “pensamento geográfico”. Os assuntos se interpenetram, tendo seu foco centrado nos fenômenos do espaço. Assim aquelas formulações e debates que mais diretamente apontarem para a construção do espaço, e de sua imagem coletiva, deverão ser priorizados. Tendo, todavia, o cuidado em não perder a sutileza do movimento dos fenômenos atinentes ao universo da cultura. A estes discursos mais “orgânicos” (no sentido gramsciano) poder-se-ia denominar de *ideologias geográficas*” (MORAES, 2005, p.34-5).

o discurso varguista do mesmo período da produção werneckiana. Nesse sentido, discurso e materialidade se convergiam diante dos projetos vencidos e vencedores presentes no território nacional.

Referências

- ANSELMO, R.C.M.S. *Oliveira Vianna e a Unidade – Identidade do Espaço Brasileiro*. 1995. 142 f. Dissertação de Mestrado (Área de concentração em Organização do Espaço) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1995.
- CUNHA, P.R. *Um olhar à esquerda: A utopia tenentista na construção do pensamento marxista de Nelson Werneck Sodré*. Rio de Janeiro: Revan; São Paulo: FAPESP, 2002, 334p.
- FAUSTO, B. *História do Brasil*. 13ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. – (Didática, 1).
- LOBATO, M. *Carta de Monteiro Lobato a Nelson Werneck Sodré*. Arquivo Nelson Werneck Sodré da Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro, 1945.
- LÖWY, M. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*. São Paulo: Ed. Busca Vida, 1987.
- LÖWY, M. *Ideologias e Ciência Social: Elementos para uma análise marxista*. 11ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- MORAES, A.C.R. *Geografia Histórica do Brasil: Capitalismo, território e periferia*. São Paulo: Annablume, 2011.
- MORAES, A.C.R. *Território e História no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2005.
- ODÁLIA, N. *As formas do mesmo: Ensaio sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.
- ORTIZ, R. *Cultura brasileira & Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- PECALT, D. *Os intelectuais e a política no Brasil. Entre o povo e a nação*. São Paulo: Ed. Ática, 1990.
- SODRÉ, N.W. *Formação da Sociedade Brasileira*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Ed José Olympio, 1944.
- SODRÉ, N.W. *Oeste: Ensaio sobre a grande propriedade pastoril*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1941.
- SODRÉ, N.W. *Panorama do Segundo Império*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1939.
- VIANNA, Oliveira. *Degeneração aparente do caráter nacional*. In: *Pequenos estudos de Psicologia social*. 3ªed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.